

Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais



DO IRREAL PARA O REAL: 1ª PARTE JORNALISMO, *MEDIA* E EDUCAÇÃO

Os seminários de 2017 em Londres, Genebra e Nova Iorque exploraram o tema: *Do Irreal para o Real*. As reuniões incluíram algumas reflexões profundas sobre a natureza e importância da verdade, em quatro áreas principais: jornalismo/*media*; educação; ciência e arte. Devido à riqueza de material e às ligações interessantes entre os pensamentos dos oradores, o relatório do seminário será distribuído em duas edições do Boletim. Há um resumo das ideias abordadas por cada um dos oradores e algumas citações-chave foram realçadas. O conteúdo completo das apresentações dos oradores está disponível em vídeo em worldgoodwill.org/video. Nesta edição, a verdade é analisada relativamente às áreas do jornalismo/*media* e educação. A próxima edição fará o mesmo para ciência e arte. Esperamos que esta abordagem se revele esclarecedora – agradecemos a vossa opinião.

Antes de reflectirmos sobre as considerações dos apresentadores, ficam aqui algumas ideias iniciais para ajudar a orientar a nossa investigação. Tal como uma pedra preciosa multifacetada, a verdade pode ser abordada a partir de diversos ângulos. Um bom ponto de partida é considerar a linguagem como uma das formas principais pelas quais procuramos transmitir a verdade. Afinal de contas, o que pode ser mais claro do que as palavras? Porém, quando recorremos aos dicionários do mundo, percebemos o dilema – pois as próprias palavras são limitadas quanto àquilo que podem dizer sobre um acontecimento. Toda a definição já é por si própria uma “festa itinerante”, com o significado de muitas palavras a alterarem-se ao longo dos séculos. E línguas diferentes dividem o mundo de forma diferente. Por isso, em grande medida, as palavras apenas apontam o caminho para a verdade. No entanto, as palavras são as ferramentas principais com as quais procuramos captar a verdade (apesar das imagens se estarem a tornar rapidamente numa outra via importante), por isso devemos prestar uma atenção cuidadosa a quem as usa e com que objectivo.

Uma consequência importante sobre a forma como o significado das palavras evolui naturalmente ao longo do tempo é devermos ser sempre cautelosos quando um indivíduo ou grupo insiste em que existe apenas um significado “verdadeiro” para uma determinada palavra ou ideia. É nesse sentido que se encontra o perigo do pensamento dogmáti-

Neste número

O Jornalismo Moderno Reflete uma Mudança na Consciência

Restaurar Esperança Através dos *Media*

Construindo um Diálogo Universal através da Literacia nos *Media*

**Chamar a Atenção para o Bom, o Belo e o Verdadeiro
Cursos Universitários sobre Meditação Podem Despertar a Intuição**

Editor: *Dominic Dibble*

www.worldgoodwill.org

Edição de GEM

– Grupo de Estudos Maitreya em português

co que, desde o início dos tempos, tem assolado instituições de todos os tipos, não apenas a religião. Alegar que se conhece o significado verdadeiro fecha imediatamente a porta ao debate civilizado e à divergência amigável, limitando possíveis futuros que poderíamos vir a viver. Do ponto de vista do esoterismo, todo o nosso universo é um campo de vida, consciência e forma em evolução contínua, por isso seria muito estranho se uma ideia, consubstanciada numa palavra ou conjunto de palavras, alcançasse de repente a sua forma definitiva enquanto tudo o resto continuava a mudar. Ao invés disso, é quase um axioma da perspectiva esotérica que as verdades espirituais profundas, subjacentes à vida quotidiana, são progressivamente reveladas em contextos mais ricos e com matizes mais refinados à medida que aumenta a nossa capacidade para registar os níveis de existência mais subtis. Talvez seja um erro compreensível confundir os Ideais intemporais de Bem, Verdadeiro e Belo com as definições particulares que receberam ao longo do tempo. Mas esse erro é ampliado quando indivíduos ou grupos acreditam terem o direito ou mesmo a obrigação de impor essas definições aos outros. O remédio para esta abordagem fracturante é a sabedoria amorosa da alma, que é sempre inclusiva.

Para além da rigidez do dogma, existe também o perigo do uso inescrupuloso da linguagem, com a intenção de manipular ou mesmo enganar os outros para benefício próprio. Isto acontece frequentemente nos campos da política e do comércio. *Fascínio* é uma palavra para este fenómeno – e, enquanto a definição comum deste termo sugere frivolidade e decadência, a compreensão mais esotérica vê-o como a tentativa para encobrir o real e o verdadeiro, nos níveis físico, emocional e mental. Na verdade, o esforço deliberado para ver "através do" fascínio, fazendo uso da luz da alma e da intuição, é um grande desafio para todos os que procuram seguir o caminho espiritual.

Passando da linguagem em si para aqueles a quem nos *media* é confiada a sua utilização, surge outra dimensão da luta para passar do irreal para o real – veracidade. Confiamos nos jornalistas para actuarem como testemunhas de quase todos os grandes acontecimentos que moldam a vida diária. No entanto, reconhecemos em nós mesmos as possibilidades de erro e de distorção na percepção até nos mais simples acontecimentos físicos. Por isso, devemos também contar com a falibilidade dos jornalistas no seu esforço para transmitir ao público o que realmente aconteceu. E os jornalistas têm de confiar muitas vezes não apenas nas suas percepções, mas também nas percepções e nas palavras de suas fontes, que terão as suas falibilidades e agendas próprias, conscientes ou subconscientes. Todos estes factores podem afectar o que os jornalistas irão destacar nas reportagens, a forma como apresentam os comentários e aquilo que escolhem omitir. Existe um último elo na cadeia entre um acontecimento e a sua compreensão, que é a agenda própria, consciente ou subconsciente, na mente do público. Se uma agenda está profundamente enraizada, algumas audiências só ouvirão o que querem ouvir, mesmo sendo apresentados factos ou argumentos contraditórios convincentes e bem elaborados. O linguista e crítico social Noam Chomsky identificou ainda mais cinco filtros presentes nos *media* que considera ajudarem a promover um clima instalado de medo e de desigualdades: a concentração excessiva da propriedade dos *media* nas mãos de algumas figuras poderosas; o financiamento dos *media* pela publicidade; um excesso de confiança na veracidade das fontes oficiais; políticos a criticar os *media* para os manter controlados; e, por fim, a tendência dos grandes grupos de comunicação para aderirem apenas às crenças e opiniões convencionais, o "status quo".

Muito recentemente surgiu mais um véu obscuro – a influência pulverizadora dos *media* sobre o consumo de notícias. Em contraste com a "postura" tradicional de um jornal, comparável com a sua linha editorial, os *media* demarcam-se de qualquer postura editorial reconhecida ao apresentarem as suas peças jornalísticas, com pouca ou nenhuma ênfase na fiabilidade da informação ou das fontes. Problemas globais sérios são lançados aleatoriamente na mesma *fonte* (*feed*, no original) de notícias, a par de imagens de gatos e das excentricidades de celebridades. Assim, a tudo é atribuída igual 'importância' e a verdade corre o risco de se tornar meramente naquilo que nos faz sentir bem.

Por fim, a questão da verdade está fundamentalmente ligada à questão da liberdade. Conforme observado anteriormente, certas práticas dos *media* podem criar um clima de medo e incerteza. Mas na realidade nós só somos verdadeiramente livres quando estamos livres do medo, não importa quão democráticas possam parecer as sociedades. O medo pode sufocar a expressão do amor. Assim, somos todos responsáveis por observar a sociedade com lucidez e parte disto envolve limpar as nossas percepções. É portanto necessário regressar ao verdadeiro eu através da meditação,

o que conduz à capacidade de discriminar entre verdade e falsidade. A discriminação só é possível quando a mente está alinhada com a alma e se submete à luz da intuição através de um coração humilde e simplicidade de mente. Isto permite-nos reconhecer que a nossa imagem da verdade é sempre limitada, que a paisagem da verdade é de facto infinita. A meditação permite-nos passar da verdade contida nas palavras, às veladas pelos símbolos, àquela verdade espiritual mais elevada que só pode ser experienciada em silêncio.

Há várias maneiras pelas quais as ideias dos apresentadores poderiam ter sido organizadas – cada uma lançaria provavelmente alguma luz sobre o nosso tema. Aqui ficam algumas sugestões para as ligações entre eles.

Christopher Schwartz concentra-se nas responsabilidades do jornalista individual para relatar a verdade, sobre a forma como diferentes tipos de jornalistas podem interpretar essa tarefa e sobre as dimensões filosófica e espiritual de procurar ser um ‘espectador imparcial’. Judy Rodgers aborda um tema relacionado: capacitar jornalistas e outros criadores dos *media* para apresentarem uma forma positiva de enquadrar narrativas difíceis. A organização que Judy fundou, *Images and Voices of Hope* [N.T.: *Imagens e Vozes de Esperança*] envolve centenas de profissionais dos *media* num esforço para trazer à superfície uma camada mais profunda de verdade, através de uma abordagem mais espiritual aos acontecimentos externos, reflectindo isso os pensamentos finais de Christopher sobre a forma como o jornalismo responsável tem muito em comum com o esforço espiritual dos meditadores sufis e budistas tibetanos.

Gabriel Jaraba reflecte sobre a necessidade de uma literacia mais aprofundada nos *media* na era tecnológica, em que a mente colectiva da humanidade assumiu forma física através da Internet. A literacia nos *media* é um meio de defender as liberdades democráticas e, em última análise, da consciencialização de uma sociedade planetária baseada na boa vontade e na partilha correcta. Alexandra Ratcliffe dá uma breve visão geral da história da partilha de informação, referindo o aparecimento recente de técnicas de propaganda organizadas e a importância essencial da educação na literacia nos *media*, para contrariar essa tendência de forma a defender a liberdade de pensamento. Tal como Gabriel, Alexandra foca-se na protecção da democracia. Ela destaca também a importância de ensinar meditação, para dar às pessoas uma maneira de se sintonizarem com os *media*, onde o bem, o verdadeiro e o belo estão presentes. Isto está relacionado com as apresentações tanto de Judy como de Christopher e serve de ligação para a peça final de Andreas de Bruin, que compartilha as suas experiências positivas ao introduzir uma variedade de técnicas de meditação a estudantes universitários e sobre o seu último projecto, que diz respeito ao uso da meditação para desvendar o significado mais profundo da arte dos Mestres Antigos. Ambos os projectos têm em vista o objectivo mais amplo de permitir que o meditador se torne útil num todo mais alargado.

O Jornalismo Moderno Reflecte uma Mudança na Consciência



Christopher Schwartz é um investigador e jornalista americano. Actualmente orienta teses de doutoramento no Instituto de Filosofia da Universidade Católica de Leuven na Bélgica e também dá aulas na Universidade americana da Ásia Central no Quirguistão, onde também trabalha como jornalista. Ele é membro da fé Bahá'í. Ci-

itou Bahá'u'lláh, o fundador da fé Bahá'í, que no final do século XIX escreveu que o jornalismo é um dos traços distintivos da era moderna: "As páginas de jornais de aparecimento rápido são de facto o espelho do mundo. Eles reflectem os feitos e as actividades das mais variadas pessoas e afinidades... [os jornalistas devem estar] cobertos com as vestes da justiça e da equidade. Devem investigar as situações tanto quanto possível, verificar os factos e depois colocá-los por escrito." (italico adicionado). Christopher propôs que o jornalismo representa "uma nova capacidade humana que foi desbloqueada e é usada por seres humanos. A verdadeira história é a da mudança subjacente na consciência."

Christopher explorou depois a etimologia de "jornalismo", indicando que deriva em última análise do verbo ‘brilhar’. Assim, "a verdadeira tarefa de um jornalista é iluminar – iluminar tanto no sentido intelecto-cognitivo como no sentido espiritual, um sentido moral." Outro tema que quis abordar foi a diferença entre uma perspectiva subjectiva e objectiva, sugerindo não serem opostas como são muitas vezes retratadas. Em vez disso, a objectividade está preocupa-

da em ser o foco ou o tema de atenção do outro e está relacionada com o ideal jornalístico do "observador imparcial".

Encontrar uma forma para ser imparcial e relatar toda a verdade é um desafio difícil para os jornalistas, como mostra a bem conhecida parábola dos cegos e do elefante. Para ilustrar este ponto, Christopher partilhou os resultados de uma extensa pesquisa sobre atitudes jornalísticas, na qual foram identificadas quatro situações principais em que os jornalistas se vêm envolvidos. A primeira é como um 'Disseminador Populista'. Isto implica uma identificação muito próxima com o público-alvo. A ideia é servir 'o povo', e um jornalista deste tipo é principalmente neutro para com o poder instituído, excepto quando os seus interesses ou acções entram em conflito com os do 'povo'. Um 'Disseminador Populista' acredita que a sua principal tarefa não é persuadir uma audiência sobre a verdade, mas sim instruí-la. O segundo tipo de jornalista é um 'Facilitador Oportunista', intimamente identificado com o poder instituído. Tal como o 'Disseminador Populista', estão ambos menos focados em descobrir a verdade: em vez disso, desejam apoiar a agenda própria do poder instituído. Portanto, não estão necessariamente interessados em convencer o público sobre algo, salvo se acreditarem que o poder instituído o deseja. Este tipo de jornalista pode ficar num dilema sobre como agir quando há uma grande mudança no poder instituído, como resultado de eleições ou de uma revolução. O terceiro tipo de jornalista é o 'Agente Crítico de Mudança', que deseja afectar activamente a sua própria agenda sociopolítica e inspirar o público a agir para a mudança. O 'Agente Crítico de Mudança' é geralmente um crítico do poder instituído, por isso, se o seu trabalho for bem-sucedido e as suas recomendações para a mudança forem adoptadas, acaba por ficar no dilema oposto ao do 'Facilitador Oportunista' – como evitar ser incorporado no poder instituído. O quarto tipo de jornalista é o 'Vigilante Desapegado', que valoriza acima de tudo a 'imparcialidade' e a 'objectividade'. Este tipo de jornalistas acredita que as verdades duras e difíceis podem ser necessárias para o progresso social e, embora sejam tipicamente hostis em relação ao poder instituído, por este não dar geralmente à população a informação completa, também podem questionar se os activistas sociais não estarão a ir longe demais ou se não terão uma agenda secreta. Como resultado, acabam muitas vezes em conflito com a sociedade e podem ver-se a si mesmos como uma 'oposição leal'.

A verdadeira tarefa de um jornalista é iluminar – iluminar tanto no sentido intelecto-cognitivo como no sentido espiritual, um sentido moral.

Christopher convidou o público para dar uma opinião sobre qual tipo de jornalista achavam eles ser melhor. O resultado foi em grande parte favorável ao 'Vigilante Desapegado'. Observou que ele próprio se identificava em grande parte com este último, com a ênfase em 'Desapegado', em parte porque, como bahá'í, não acreditava em relações adversárias, e também porque já tinha presenciado exemplos de como os colegas que se identificam com esta posição se podem tornar muito negativos e pessimistas. No entanto, também acredita que qualquer jornalista contém em si traços de todos os quatro tipos descritos – por exemplo, o seu 'Disseminador Populista' interno definirá "o povo" como toda a raça humana – e cada tipo está empenhado nalguma versão da verdade. E, claro, qualquer um dos tipos se pode afastar desse empenho devido a intimidação ou corrupção.

Christopher voltou à questão do que realmente significa 'objectividade'. Sugeriu que isso implica sair da zona de conforto do seu quadro pessoal de referência para alcançar uma perspectiva externa, uma 'visão a partir de nenhum lugar'. Uma maneira de entender isto é considerar diferentes níveis de verdade. No domínio físico quotidiano, temos a verdade dos factos empíricos; enquanto no domínio intemporal da moralidade e da espiritualidade, temos verdades perenes, pistas profundas sobre o que é certo ou errado, verdadeiro ou falso. A objectividade está relacionada com este último domínio da verdade – de acordo com Christopher, "em última instância, a objectividade é este nível mais elevado de verdade potencial ... estar numa postura de compaixão pura e total."

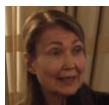
Em última instância, a objectividade é este nível mais elevado de verdade potencial ... estar numa postura de compaixão pura e total.

Para dar um exemplo deste tipo de consciência, ele convidou o público para pensar num momento de desacordo ou conflito grave em que no fim foi alcançado um consenso. Pediu-lhes para não pensarem nas especificidades do desacordo, mas sim sobre o processo de sincronização dos pontos de vista, o momento 'Ah-ha', no qual surgiu simpatia e compreensão pela outra perspectiva e, então, o desejo de reconciliação – mesmo que a conclusão fosse 'concordariam em estar em desacordo'. Pediu ao público que "em vez disso, lembrem-se do processo de negociação e sincronização dos vossos pontos de vista". Esse processo é a experiência da objectivi-

dade, a ‘visão a partir de nenhum lugar’, onde duas pessoas se movem a partir da sua ‘pessoa-lidade’ subjectiva e em conjunto ambos se tornam em ‘ninguém’, um terceiro ponto no triângulo formado entre si. Este ponto de vista pode ser identificado com o ‘espectador imparcial’, um conceito introduzido historicamente por jornalistas, tendo começado com os jornais. Esta noção de se tornar um ‘espectador imparcial’ também pode ser encontrada no misticismo sufi e nos escritos budistas tibetanos. Como Christopher perguntou: "o que significa tornar-se ninguém, tornar-se o Espectador Imparcial? É tornar-se um espelho." Isto faz eco do pensamento de Bahá'u'lláh em relação aos jornais se tornarem num espelho do mundo. No entanto, devemos lembrar-nos que mesmo um espelho está sujeito a imperfeições. Na verdade, Bahá'u'lláh estava céptico quanto às alegações de alguns místicos sufis de se terem tornado completamente unidos com Deus e, portanto, completamente imparciais nos seus pontos de vista. O importante a reter é que, e não apenas como jornalistas – embora esta seja uma parte específica de sua vocação – mas, simplesmente como seres humanos, devemos esforçar-nos para fazer isto. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer a armadilha subtil do orgulho que vem com este empenho místico, acreditar que fomos inteiramente bem-sucedidos e que sabemos o que é objectividade e A verdade. worldgood-will.org/video#cs

O que significa tornar-se ninguém, tornar-se o Espectador Imparcial? É tornar-se um espelho.

Restaurar Esperança Através dos Media



Judy Rodgers é a fundadora de *Images and Voices of Hope (Imagens e Vozes de Esperança)*, uma comunidade global de jornalistas, realizadores de documentários e profissionais dos media dedicados a que o potencial dos media possa ser um agente de mudanças positivas e melhorias mundiais. Ela propôs que o *irreal* podia ser identificado com o mundo material exterior, enquanto o *real* ou o *verdadeiro* diz respeito à energia intrínseca à vida. Observou: "A verdade, no seu nível mais elevado, é aquilo que é imutável, imortal, persistente e restaurador."

Foram colocadas duas questões-chave: como podem os *media* passar do foco no *irreal* para o foco nas energias e nas qualidades de vida reais? E, como cidadãos e consumidores dos *media*, como podemos apoiar essa mudança? Para ilustrar a distinção *irreal/real* e a forma como tendemos a colocar o foco no *irreal*, Judy citou um exemplo do escritor

A verdade, no seu nível mais elevado, é aquilo que é imutável, imortal, persistente e restaurador.

David Brooks sobre a diferença entre as virtudes referidas num currículo *versus* as de um discurso de homenagem: "As virtudes do currículo são as que coloca no seu currículo, que contribuem para o sucesso externo. As virtudes do discurso de homenagem são mais profundas: se é amável, corajoso, honesto ou fiel; *que tipo de relacionamentos criou.*" (*itálico acrescentado*)

Infelizmente, temos tendência a passar mais tempo a pensar nas virtudes do currículo.

Através da *Images and Voices of Hope (IVOH)*, os autores dos *media* dedicados ao serviço estão a trabalhar para mudar isto. "A IVOH faz parte de um vasto movimento com fortes pontos positivos estendido a sectores múltiplos. Quem trabalha no campo da força positiva na educação, saúde, gestão e dos *media* afirma: quando reforçamos o que é intrínseco, positivo e vital, fortalecemos os indivíduos e os sistemas nos quais eles vivem e trabalham." Judy inspirou-se para fazer este trabalho nos *media* seguindo os pioneiros de outros campos de 'força positiva'. Em 1999, decidiu estabelecer conversações com três parceiros: a Faculdade de Gestão da Case Western Reserve University (Universidade Case da Reserva Ocidental; N.T.: Leonard Case Jr, lançou a Escola Case de Ciência Aplicada em 1877), a Fundação Visions of a Better World (Visões de um Mundo Melhor) e a Organização Espiritual Mundial Brahma Kumaris. Estes três parceiros acreditam que "... a maneira de criar um mundo melhor não é resolver os problemas no mundo, mas imaginar o mundo que mais se quer." Esta conversa levou a uma proposição-chave: "quando as histórias dos *media* destacam actos de coragem, compaixão e esperança naqueles que foram derrubados, somos inspirados e estimulados a envolver-nos de formas que talvez não tenhamos considerado antes."

Quando reforçamos o que é intrínseco, positivo e vital, fortalecemos os indivíduos e os sistemas nos quais eles vivem e trabalham.

Desde 1999, a IVOH tem mantido cimeiras e reuniões regulares para aprofundar a compreensão da sua missão. Numa dessas ocasiões, no rescaldo do massacre de Sandy Hook, quando Curtiss Clark, editor do *Newtown Bee* (N.T.: jornal local do estado de Connecticut), propôs a ideia de uma "narrativa redentora", isto levou a IVOH ao conceito de

"narrativa reparadora", que "permanece com a história através do meio confuso e faz brilhar uma luz acerca da resiliência nos indivíduos e nas comunidades. Ao mudar o foco das vítimas para os sobreviventes, concentrando-se em "o que dá vida?" e acedendo à resiliência do espírito humano, começamos a ver, sob a camada superficial, a história da verdade que está por trás." Ao nos lembrarmos das virtudes humanas apresentadas, tornamo-nos mais fortes, mais criativos e mais capazes de reconstruir. Judy partilhou um vídeo com o exemplo de sobreviventes ex-toxicodependentes que resolveram, com o apoio da comunidade, dar uma volta à sua vida.* A IVOH está comprometida com este trabalho de contar uma história com uma qualidade diferente. Para restaurar a esperança, "os contadores de histórias precisam de ser observadores perspicazes, para conseguirem ver, sob o fascínio superficial, a profunda resiliência dentro das comunidades".

Nas cimeiras anuais da IVOH, os autores dos *media* são encorajados a investigar o significado mais profundo das histórias da actualidade. Judy acredita que "se discernirmos – se estivermos de acordo com o que é mais profundo e mais persistente no espírito humano – podemos sentir a vontade da vida e os pilares da virtude a mover-se sob a superfície. O jornalista perspicaz, o cineasta, o profissional de publicidade ou o programador de jogos reconhecerá esta verdade mais profunda e usará as suas capacidades para estimular e elevar as sociedades que servem." Ela encoraja-nos todos a prestar atenção a essas histórias e, quando as vemos, escrever aos autores dos *media* para eles saberem que nós valorizamos este tipo de histórias. worldgoodwill.org/video#jr

Os contadores de histórias precisam de ser observadores perspicazes, para conseguirem ver, sob o fascínio superficial, a profunda resiliência dentro das comunidades.

* <https://www.youtube.com/watch?v=viUJVC5ykR4> on changing stereotypes about the state of Alabama, using Walt Whitman's *Song of Myself*

Construindo um Diálogo Universal através da Literacia nos *Media*



Gabriel Jaraba é professor na "Universitat Autònoma de Barcelona" e Professor da Cátedra Mundial da UNESCO para a Literacia nos Media e Diálogo Intercultural. Gabriel começou por destacar a importância fundamental da literacia nos *media* tal como identificada pela UNESCO. Sugeriu que, sem literacia nos *media*, não pode haver uma democracia verdadeira. O século XXI é uma era de comunicação total, condicionando todos os aspectos da vida. Assim, estamos no meio de um período de ruptura nos *media*, por ele descrito como uma "mudança civilizacional em todos os seus aspectos". Surge então a questão – como podemos agir de forma responsável nesta era?

As relações humanas correctas não são um desejo benevolente ou uma utopia irrealizável, mas um imperativo ético a precisar de ser actualizado.

Temos uma civilização tecnológica, baseada na digitalização da comunicação, combinada com uma cultura dos *media* organizada em torno desses mesmos *media* e da sua convergência. Isto tem três impactos principais: na energia necessária para comunicar; em tempo; e espaço. O resultado é vermos comunicações globais ligeiras, instantâneas. Como afecta isso a responsabilidade colectiva para estabelecer relações humanas correctas? Podemos ser tentados a reagir com medo e a tentar sufocar esta tendência poderosa, mas, na verdade é uma ótima oportunidade para fazer avançar a consciência planetária, com um âmbito que permitirá difundir grandemente a Sabedoria Sem Idade através da rede universal da Web, a manifestação física de uma "noosfera" verdadeira ou esfera de pensamento humano, conforme previsto por Teilhard de Chardin.

A existência desta manifestação física do plano mental implica a responsabilidade para preservar e nutrir o seu crescimento correcto para se tornar num veículo útil de relações humanas correctas. Para isso, Gabriel sugeriu que devemos protegê-la cuidadosamente do perigo de ficar refém das grandes empresas. As principais plataformas corporativas tendem a abafar a comunicação activa de opinião em favor do consumo de informação passiva. Assim, é essencial a educação nas escolas sobre os *media*, mas não é suficiente. Ela deve responder ao cenário tecnológico dinâmico, às condições novas criadas pelas redes sociais e ao surgimento de algoritmos informáticos que tomam decisões sobre aquilo que vemos. Assim, o grande desafio é que a educação sobre os *media* traga à luz o poder oculto das principais

plataformas de comunicação e faça com que elas considerem o seu impacto na economia e na sociedade. No entanto, se for para preservar a democracia, não é suficiente ser defensivo. A literacia nos *media* deve tornar-se um exemplo prático da aplicação de relações humanas correctas – "As relações humanas correctas não são um desejo benevolente ou uma utopia irrealizável, mas um imperativo ético a precisar de ser actualizado". E a literacia nos *media* pode ser expressa tanto em contextos formais como informais, nas instituições de educação e através do activismo social.

A nova literacia nos *media* respeita a autonomia de cada cultura e a sua singularidade, porque estabelece pontes para a construção de um diálogo universal entre eles, para a construção de valores partilhados.

Gabriel partilhou reflexões sobre novos valores que inspiram a literacia nos *media*. Primeiro, há a defesa de pessoas autónomas com direito à informação, a qual podem avaliar criteriosamente. Em segundo lugar, acreditar no valor construtivo do diálogo aberto e participativo, na capacidade das multidões e do colectivo organizado para gerar informação de qualidade, avaliação crítica e processos de tomada de decisão, e a importância fundamental da *partilha* do conhecimento. Terceiro, o poder da imaginação criativa, que deve alimentar uma democracia comunicativa activa com igualdade de participação e expressão de opinião. E, em quarto lugar, um respeito pela diversidade cultural e pelo diálogo intercultural. "A nova literacia nos *media* respeita a autonomia de cada cultura e a sua singularidade, porque estabelece pontes para a construção de um diálogo universal entre eles, para a construção de valores partilhados."

A nova literacia nos *media* respeita a autonomia de cada cultura e a sua singularidade, porque estabelece pontes para a construção de um diálogo universal entre eles, para a construção de valores partilhados."

A literacia nos *media* deve fortalecer o pensamento crítico e a capacidade de lidar com a informação neles disseminados. Os seus principais elementos são:

- “saber como encontrar e aceder à melhor informação disponível usando as fontes mais apropriadas, diversas e confiáveis;
- saber como avaliá-la com critérios precisos e rigorosos;
- contextualização e compreensão da informação de acordo com a sua origem;
- a consciência do contexto ideológico e cultural onde e em que a informação foi organizada;
- integrar tudo o que foi referido anteriormente num conjunto de informações e conhecimento prévio, e obter um resultado relevante.”

Desenvolver estas capacidades permite a solução substancial de problemas em áreas tais como: conflitos interculturais; trabalhar para acabar com preconceitos e discriminação; criar redes de interesse e valores partilhados; participação democrática; limitar o poder estatal; transparência corporativa; liberdade de expressão; e acesso à informação.

Por fim, Gabriel observou: “Já não é uma questão de promover o patriotismo nacional através da literacia e da educação, mas promover, através da literacia nos *media*, o sentimento de cidadania universal orientada para uma pertença cosmopolita. Os *media* são hoje construtores activos da visão que cada grupo humano tem de si próprio e dos outros... A comunicação coloca nas mãos de cada indivíduo a possibilidade de... criar pela primeira vez na História uma consciência planetária nova que tome consciência do princípio "as almas dos homens são uma." worldgoodwill.org/video#gj

A comunicação coloca nas mãos de cada indivíduo a possibilidade de... criar pela primeira vez na História uma consciência planetária nova que tome consciência do princípio "as almas dos homens são uma."

Chamar a Atenção para o Bom, o Belo e o Verdadeiro



Alexandra Ratcliffe é educadora, pensadora e escritora independente. O seu trabalho apareceu no jornal "The Huffington Post" (huffpost.com) e tem o seu site em <http://www.soulfulconnections.uk/>. Começou por reflectir sobre a existência de muitos níveis e significados da verdade, do concreto ao subtil e o Absoluto. No entanto, existe actualmente uma noção de toda a verdade ser relativa ao individual: a "Pós-verdade" foi a palavra do ano do *Oxford Dictionary* para 2016, implicando a definição de que o sentimento pessoal é mais importante do que a racionalidade e os factos. Outro termo relacionado que ganhou valor recentemente é 'factos alternativos'.

Para estabelecer os factos sobre um evento, os historiadores distinguem entre fontes primárias – informações em

primeira mão ou evidências – e secundárias – relatos escritos sobre isso. As fontes terciárias combinam elementos tanto de fontes primárias como secundárias. Quanto mais longe no tempo ou no espaço nos distanciamos de um evento, mais provável é ele ser distorcido; sendo uma verdade infeliz do jornalismo ser cara a reportagem directa a partir de fontes primárias. Esta pressão financeira, que paira no horizonte dos *media* modernos, conduz à proliferação da reportagem de segunda e terceira mão, afastando-nos da verdade. Agravando o facto de "Como a humanidade está conectada com a Inteligência Activa, tendemos a ser Colectores-de-Infomação. E porque a informação está disponível à distância de um clique e pode ser partilhada com todo o mundo em segundos, qualquer pessoa pode reunir toda a informação que quiser e determinar as suas verdades à medida da sua versão pessoal da realidade."

Alexandra deu uma breve história sobre a circulação da informação, começando pelos oradores na Grécia antiga e passando para a distribuição de panfletos em Roma, o que foi facilitado pela construção de estradas e vias navegáveis. Gazetas e boletins diários, os precursores dos jornais, começaram a aparecer em Roma. No século XVII, os jornais começaram a aparecer na Europa, começando a enraizar-se a ideia de 'propaganda', definida como a informação utilizada para influenciar ou promover um plano. Esta manipulação intencional da opinião pública cresceu desde então e a partilha electrónica acelerou a tendência, juntamente com novas ondas de informações deliberadamente falsas ou enganosas. "Agora, na era da Internet, temos um mundo virtual de informação e desinformação, a girar lado a lado sem parar em torno da ciber-esfera."

Porque a informação está disponível à distância de um clique e pode ser partilhada com todo o mundo em segundos, qualquer pessoa pode reunir toda a informação que quiser e determinar as suas verdades à medida da sua versão pessoal da realidade.

A disseminação da desinformação tem implicações significativas para a democracia. Tal como notou Tim Snyder, professor de História em Yale: "Abandonar os factos é abandonar a liberdade. E se nada é verdadeiro, ninguém pode criticar o poder porque não há bases para o fazer." Isto sublinha a necessidade fundamental de sistemas educacionais a ensinar o discernimento e a discriminação, ajudando a integrar capacidades físicas, emocionais e mentais, levando ao contacto com a intuição, "a última discriminadora da verdade". O ensino secundário deve incluir a educação em relação aos *media*, a educação cívica, a ética e a reflexão sobre o impacto da tecnologia. Um programa por ela usado chamado "Valores Vivos para um Mundo Melhor" fez a introdução dos alunos aos conceitos e vocabulário da paz, empatia, respeito e tolerância. Para crianças e adultos, a educação sobre a confiabilidade das fontes de informação deve ser vitalícia. Isso ajudar-nos-ia a decidir o que partilhar ou não. Há uma necessidade de reflexão sobre a intenção das nossas palavras e sobre como as intenções puras e o pensamento puro clarificam a atmosfera mental.

Agora, na era da Internet, temos um mundo virtual de informação e desinformação, a girar lado a lado sem parar em torno da ciber-esfera.

É útil abordar as histórias nos *media* perguntando se chamam a atenção para o bem, o belo e o verdadeiro. Cada um de nós é responsável por contribuir com a participação destas qualidades para a vida mental e emocional da humanidade. Uma ferramenta essencial neste trabalho é a meditação, pois permite-nos entrar em contacto com as verdades eternas subjacentes a toda a confusão exterior, as verdades que nos podem libertar, verdades como o facto de o amor ser o verdadeiro tecido a ligar a humanidade; e até ouvirmos isso a ser transmitido através das notícias, simplesmente não estamos a ouvir a história completa. Mesmo um toque dessas verdades eternas pode ajudar-nos a dar um passo atrás no confuso e desconcertante mar de informação e desinformação, libertando-nos. worldgoodwill.org/video#ar

Cursos Universitários sobre Meditação Podem Despertar a Intuição



O professor Dr. Andreas de Bruin, da Universidade de Ciências Aplicadas de Munique, fundou em 2010 o Modelo de Munique "Meditação na Universidade". Ele está agora a dar aulas de meditação em nove campos de estudo em quatro faculdades. Andreas começou por indicar que a sua intenção, ao criar o "Modelo de Munique" baseado na meditação, foi o de permitir a introdução da intuição nas universidades. Os problemas globais que criámos foram feitos pela aplicação do intelecto e precisamos da intuição para nos ajudar a resolvê-los.

Andreas referiu-se ao trabalho do biólogo, filósofo e neurocientista Francisco Varela e do psicólogo Daniel Goleman, que concluíram que o maior contributo da ciência para o século XXI seria lidar com as emoções destrutivas, sendo elas causas subjacentes à maioria dos problemas planetários. Iniciaram um diálogo com o Dalai Lama e outros monges budistas sobre o valor da meditação e da “plenitude mental” (*mindfulness*, no original), estando disponíveis os resultados das suas pesquisas em www.mindandlife.org. Andreas vê esse trabalho como a semente da explosão da pesquisa sobre o valor da plenitude mental. Ele sente que a plenitude mental é o estágio precursor da meditação verdadeira, que só ocorre quando há integração dentro da personalidade, permitindo que o vínculo com a alma comece a ser construído. Neste ponto, o controlo real sobre a mente pode começar a ser estabelecido e muitos dos alunos que se juntaram aos seus cursos dizem querer melhorar o controlo sobre as suas mentes. Enquanto vários programas trazem a

Era importante trazer a meditação..., para podermos ajudar os alunos a entrar mais em contacto com eles próprios e, talvez também, trazer para o exterior o que têm dentro de si mesmos e assim para a sociedade

plenitude mental para as universidades e empresas para desenvolver capacidades de concentração e estratégias para lidar com a tensão, para ele, o objectivo duplo é permitir que os alunos se conectem com a alma e, em seguida, tragam essas energias da alma para o serviço criativo à sociedade. "... era importante trazer a meditação..., para podermos ajudar os alunos a entrar mais em contacto com eles próprios e, talvez também, trazer para o exterior o que têm dentro de si mesmos e assim para a sociedade".

O Modelo de Munique desenvolveu-se a partir de um pequeno começo em 2010, quando foram oferecidos 15 lugares – agora, em 2017, existem nove campos de estudo em quatro faculdades, com 150 alunos por semestre. O modelo também está a ser adoptado noutras universidades. Os cursos destacam a participação activa. Cada aluno mantém um diário sobre como estabelece a meditação na vida diária. Isso permite explorarem como a meditação pode ser incorporada de forma significativa no seu campo de estudo, por exemplo, a formação de professores. Os exercícios práticos incluem comunicação consciente, alimentação consciente e culinária, plenitude mental e respiração, som na meditação, etc. Também há referência à pesquisa feita actualmente sobre a meditação em várias áreas, tais como a forma como a meditação pode ser aplicada em prisões, hospitais e outros lugares. Os alunos praticam diferentes técnicas de meditação e quem estiver interessado em seguir uma técnica particular pode continuar com mentores externos. Há também outras discussões filosóficas e exibição de filmes sobre temas relacionados com a meditação.

Andreas concluiu a abordar o seu último projecto, concentrado na aplicação da meditação para apreciar a arte dos Mestres Antigos. Algumas pesquisas indicam que a meditação permite uma percepção aprofundada da arte. Andreas conduziu experiências em pequenos grupos no “Rijksmuseum” de Amsterdão, através de uma caminhada consciente até à pintura, seguida de observação consciente, com subgrupos a considerar diferentes aspectos da imagem. Para ele, a aplicação da meditação no contexto da apreciação da arte e nas universidades faz parte da sua aplicação mais geral às nossas vidas, permitindo-nos moldá-las sabiamente ao serviço do todo. worldgoodwill.org/video#ab

Como podemos entrar em contacto com a pintura, a inspiração? Usamos os grandes mestres será um elevado aspecto de inspiração.

Na nossa próxima edição, vamos explorar *Do Irreal ao Real*, na sua relação com a ciência, filosofia e artes.



DIA MUNDIAL DE INVOCAÇÃO 2018



Para construir uma sociedade global mais justa, interdependente e solidária, o que a humanidade precisa acima de tudo é de mais luz, amor e vontade espiritual. **Na Terça-feira, 29 de Maio de 2018**, as pessoas de boa vontade em todo o mundo e de diferentes origens religiosas e espirituais unem-se para invocar estas energias superiores através do uso da Grande Invocação. Quer juntar-se a nós neste trabalho de cura, incluindo a Grande Invocação nos seus pensamentos, orações ou meditações no Dia Mundial de Invocação?

A GRANDE INVOCAÇÃO

Versão adaptada

**Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluja às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.**

**Do ponto de Luz na mente de Deus
Que a Luz afluja às mentes dos homens
Que a Luz desça sobre a Terra.**

**Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluja aos corações dos homens
Possa Cristo regressar à Terra.**

**Do ponto de Amor no Coração de Deus
Que o Amor afluja aos corações dos homens
Possa Aquele que Virá* regressar à Terra.**

**Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.**

**Do centro em que a Vontade de Deus é conhecida
Que o desígnio guie a fraca vontade dos homens
O desígnio que os Mestres conhecem e servem.**

**Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize**

**Do centro a que nós chamamos a raça dos homens
Que o plano de Amor e de Luz se realize
E possa selar a porta onde reside o mal.**

E possa selar a porta onde reside o mal.

Que Luz, Amor e Poder restabeçam o Plano sobre a Terra.

Que Luz, Amor e Poder restabeçam o Plano sobre a Terra.

* Muitas religiões acreditam num Instrutor Mundial Que deve vir no futuro (daí “Aquele Que Vem”), conhecendo-O sob nomes como o Senhor Maitreya, o Iman Mahdi, o avatar Kalki, etc. Esses termos são às vezes usados em versões da Grande Invocação para pessoas de religiões específicas.

Para ver um vídeo sobre o Dia Mundial de Invocação, vá a www.worldinvocationday.org – p.f. envie o link para outras pessoas.

Créditos de imagem

Capa: Shutterstock

AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS CORRECTAS

A Boa Vontade Mundial é um movimento internacional que auxilia na mobilização da energia de boa vontade e no estabelecimento de relações humanas correctas. Foi fundado em 1932 como actividade de serviço da Lucis Trust. A Lucis Trust é uma corporação de caridade educacional sem fins lucrativos e isenta de impostos; na Suíça encontra-se registada como associação sem fins lucrativos. A Boa Vontade Mundial é reconhecida pelas Nações Unidas como Organização Não-Governamental, sendo representada em sessões de esclarecimento regulares que têm lugar na sede das Nações Unidas. A Lucis Trust encontra-se incluída na Lista Oficial do Conselho Social e Económico das Nações Unidas.

Excepto quando indicado, todos os artigos são preparados pelos membros da equipa da Boa Vontade Mundial.

Estão disponíveis múltiplas cópias em: holandês, francês, alemão, grego, italiano, português (online), russo e espanhol.

A Boa Vontade Mundial depende exclusivamente de donativos para manter o seu trabalho. O boletim é distribuído livre de encargos para o disponibilizar tão amplamente quanto possível, sendo sempre necessários donativos para este serviço, os quais são muito apreciados.

worldgoodwill.org é o endereço da Boa Vontade Mundial na Internet. O boletim original encontra-se disponível neste sítio. A versão portuguesa em www.gem.org.pt

3 Whitehall Court

Suite 54

London SW1A 2EFUK

Email: worldgoodwill.uk@lucistrust.org

Rue du Stand 40

Case Postale 5323

1211 Geneva 11SWITZERLAND

Email: geneva@lucistrust.org

866 United Nations Plaza

Suite 482

New York NY 10017

USA

Email: worldgoodwill.us@lucistrust.org